

Necessidade de novas posturas

Carlos Alberto Teixeira
de Oliveira

25 AGO 1989

"Se todos quisermos, dizia-nos, há quase 200 anos, Tira-dentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-la." (Tancredo Neves - 15.01.85)



Divulgado ao público no último dia 10 de agosto, o documento intitulado "Economia Mineira — 1989: Diagnóstico e Perspectivas" — 5 volumes em 7 tomos — é, sem dúvida alguma, uma excelente contribuição do BDMG — Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, não só à sociedade mineira, mas, principalmente, a toda a nação brasileira.

Os objetivos mais imediatos desse estudo têm o sentido de acender as discussões para um debate sério, amplo, profundo e isento da problemática econômica estadual e, por extensão, da problemática econômica nacional.

Minas Gerais não pode imaginar-se isolada e desconectada do País e do mundo. O Brasil também não pode imaginar-se isolado e desconectado, nem de Minas e, muito menos, do mundo.

O Estado e o País encontram-se em uma encruzilhada histórica. Se, de um lado, as dificuldades são enormes, imensas as possibilidades que se vislumbram. Num momento em que o País, apreensivo por suas dificuldades, acha-se impossibilitado de

enxergar o futuro que tem em suas mãos, o documento divulgado pelo BDMG é um grito de esperança e fé no amanhã, que só a nós compete empreender.

Permeiam todo o trabalho duas premissas fundamentais:

a) O futuro da economia de Minas — e da economia do Brasil — deve ser buscado a partir de um enfoque "voltado para fora", aberto ao exterior.

b) A visão que se descortina para o futuro próximo pode ser considerada otimista. Acredita-se que entraremos na década vinhosa em nosso habitat natural, o habitat do desenvolvimento e das transformações econômicas e sociais.

Tal crença não é voluntarista nem destituída de fundamentos solidamente implantados na realidade.

A ela não corresponde uma convicção inconsistente na superação automática dos problemas atuais, mas, ao contrário, a de que, mais do que nunca, requer-se da sociedade e do governo posturas novas, criativas e ousadas. O futuro deve começar a se fazer hoje e agora, com vontade, firmeza e determinação.

A instabilidade econômica dos dias que correm tem levado os governantes e as autoridades a uma postura imediatista, onde a busca da estabilização ofusca todos os problemas de médio e longo prazos. A obsessão pelas questões conjunturais retira da economia qualquer referencial, qualquer norte. A maior parte da energia social esgota-se na busca do equilíbrio do balanço de pagamentos e da redução dos índices de inflação.

A estagnação econômica

tem agravado perigosamente os problemas sociais do País, prejudicando a evolução da nascente democracia brasileira e ameaça a modernidade tecnológica do parque produtivo nacional.

Tal comportamento negativo vem suscitando, em muitos, dúvidas quanto à efetiva capacidade do País em reverter o atual quadro.

Não compartilhamos desse pessimismo. Mesmo porque o Brasil não pode prescindir do crescimento: o estoque de problemas econômicos e sociais, acumulados, eleva-se exponencialmente, apesar da desaceleração da taxa de crescimento da população. Só a expansão da economia proporcionará as condições necessárias para que seja reduzido.

Permeando as grandes questões que se debatem no Estado e no País está subjacente o dilema entre o moderno e o arcaico, o novo e o velho. As questões ideológicas tornam-se secundárias diante da necessidade de retomar o crescimento econômico e atingir o desenvolvimento.

A reversão do panorama que se descortina exigirá coragem e determinação da sociedade brasileira e de seus dirigentes. A saída não é trivial nem simples. Demanda posturas criativas, ousadas, destituídas de preconceitos e dispensa muitas antigas verdades. Numa palavra, exige o ingresso do País na modernidade.

A trilha da modernidade pressupõe o crescimento econômico, sintonizado com as grandes e rápidas transformações que hoje se verificam na economia internacional. Esse crescimento tem, necessariamente,

de contribuir para a minimização dos problemas sociais e para a consolidação da democracia, plena e efetiva, onde a participação de todos os segmentos da sociedade nas decisões políticas não se confunda com a mera defesa de interesses corporativistas ou com o populismo inconsequente, mas sintetize as aspirações maiores do País, transformando-as em ações rumo ao progresso.

Só o crescimento torna plástica a economia, criando condições para que as ações conscientes e deliberadas do governo e da sociedade possam atuar no rumo da atenuação dos problemas sociais e da desconcentração da renda de um lado, e da modernização do aparelho produtivo, de outro. A estagnação da economia enrijece-a, afastando a possibilidade de modificações em sua estrutura e em seu conteúdo.

No 2º Centenário da Independência Mineira e da Revolução Francesa, no Centenário da República, no ano da promulgação da nova Carta Constitucional de Minas e a três meses da eleição presidencial, o BDMG, através de um "novo Diagnóstico da Economia Mineira" espera, mais uma vez, constituir-se em um vetor de progresso, em farejador do futuro, ajudando a inventar o novo e a fazer a História. Este é o seu papel, esta é a sua missão.

Minas Gerais é o Estado síntese do País. Não será, pois, nenhum exagero afirmar que o que é bom para Minas, também o será para o Brasil.

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira é presidente do BDMG.